

UM “INFORMANTE” DO PICO

Em 1963, Ernesto Veiga de Oliveira e Benjamim Pereira realizaram uma recolha de terreno nos Açores que se prolongou por cerca de três meses. Essa recolha inscrevia-se numa pesquisa mais vasta sobre os instrumentos musicais populares portugueses, realizada no âmbito do Centro de Estudos de Etnologia e subsidiada pela Fundação Calouste Gulbenkian, de que resultaram nomeadamente o livro *Instrumentos Musicais Populares Portugueses* (Fundação Gulbenkian, 1966) e a exposição com o mesmo nome. No seu quadro, Ernesto Veiga de Oliveira e Benjamim Pereira, para além de uma recolha ampla de objectos destinados ao Museu de Etnologia, procederam ainda a investigações relativas a outros aspectos da cultura popular açoriana, com particular incidência no domínio das tecnologias tradicionais. Dessas investigações resultaram designadamente os livros *Moinhos de Vento. Açores e Porto Santo* (Instituto de Alta Cultura, 1965) e *Tecnologia Tradicional Agrícola dos Açores* (INIC, 1987).

No quadro desta sua deslocação aos Açores — descrita em termos particularmente entusiásticos na introdução aos *Moinhos de Vento. Açores e Porto Santo* — Veiga de Oliveira e Benjamim Pereira estiveram cerca de três semanas na ilha do Pico. Aí conheceram Francisco de Matos Bettencourt — um camponês de cerca de 60 anos, tocador de violino no Grupo Folclórico da Candelária - que foi um dos principais informantes da equipa do Centro e a quem foi também solicitada a construção de um violino para a colecção de instrumentos musicais populares então constituída. Posteriormente ao regresso da equipa a Lisboa, estabeleceu-se entre Francisco de Matos Bettencourt e Veiga de Oliveira uma correspondência de que fazem parte as cartas que a seguir se publicam. Escritas entre 1964 e 1966 por Francisco de Matos Bettencourt para Ernesto Veiga de Oliveira, essas cartas — em conjunto com outros documentos do espólio do falecido etnólogo — encontram-se na posse de Benjamim Pereira, que gentilmente as facultou para publicação neste número inaugural da *Etnográfica*.

Através dessas cartas, somos confrontados com uma faceta frequentemente negligenciada do processo da pesquisa etnográfica: o modo como este repousa sobre um conjunto de verbalizações e conceptualizações que, antes de serem reduzidas a escrito, de forma muitas vezes impessoal, foram previamente enunciadas por aquilo que se convencionou chamar de “informantes” — pessoas concretas com quem o investigador estabelece uma relação multifacetada no decurso da sua pesquisa. Susceptíveis de várias e estimulantes leituras, as cartas de Francisco de Matos Bettencourt para Ernesto Veiga de Oliveira, mais do que “dados” em bruto, são interpretações sobre a sua própria cultura, incidindo sobre vários aspectos da sua freguesia e ilha natal — das Festas do Espírito Santo à caça à baleia.

Ilustrando um episódio da pesquisa etnográfica de Veiga de Oliveira e da sua equipa no decurso dos anos 60, as cartas que agora se publicam constituem pois, ao mesmo tempo, um testemunho raro sobre o modo como um açoriano articulava a sua relação com a cultura local naquela década.

Na transcrição das cartas fizeram-se apenas ligeiras modificações de pontuação e de ortografia e uma ou outra supressão ou acrescento de palavras, devidamente assinalados.

Cartas de Francisco de Matos Bettencourt a Ernesto Veiga de Oliveira

João Leal

Carta n.º 1

Candelária, 25/1/964

Exm.º Sr. Ernesto

Desejo que ao receber esta carta se encontre de boa saúde, que ao fazer esta fico menos mal.

Participo-lhe que cá recebi o seu cartão que muito lhe agradeço.

Senhor Ernesto... Em primeiro lugar quero-lhe pedir desculpa do meu silêncio. O senhor há-de ter pensado — e com muita razão — eis mais um homem abundante de falar. Na verdade tenho imitado bem isso. Mas pode acreditar que é bem contra a minha vontade. Aqui há um velho ditado em que se diz: a gente põe e Deus dispõe. Nós pensamos uma coisa, e sai-nos outra. Quero-me referir ao violino...

O violino não está pronto mas falta pouco desde há muito. Mas a doença é que veio transtornar tudo. Principiou pela família e agora sou eu, embora eu não me sinta muito mal. Trata-se de uma doença no ouvido, que está todo dia e toda a noite num *chiado* como uma frigideira a frigar. Consultei um especialista, (*que*) me aconselhou a (...) ir fazer uma operação aí a Lisboa. Diz o médico que eu posso morrer daqui a uns 20 ou 30 anos, sem ser de esta doença, mas também posso morrer de hoje (*para*) amanhã, de um ataque de meningite, derivado ao ouvido.

Há pouco mais de 6 meses morreu (...) um cunhado meu aí em Lisboa que tinha ido aí fazer uma operação. É isto que me faz temer. Uma vez digo que vou, outra vez digo que não. Se eu for, serei eu próprio o portador do violino, se eu não for já falei com o senhor João Faria da Silveira, Piloto-Mor do Porto da Horta, que se prontificou. Quando eu quiser, que tem pessoa da sua confiança, a bordo da Empresa Insular de Navegação para o ir lá pôr pessoalmente. Por isto peço desculpa desta grande demora. Mas (...) nunca me esqueci e (...) cumprirei com muito gosto aquilo que prometi.

Também (...) lhe mando umas fotografias das festas do Divino Espírito Santo aqui na Ilha do Pico. Não que o senhor me tenha pedido, mas como o senhor pretendeu saber, quando aqui estive, alguns pormenores das festas do Divino Espírito Santo, que até veio cá para tirar fotografias e gravar os foliões a uma coroação, eu é que me lembrei em tirar umas, e lhas mandar, para melhor lhe poder explicar, já que o senhor pretendia saber alguma coisa sobre as ditas festas. E eu também tenho prazer em dizer alguma coisa, sobre as nossas festas do Pico. Porque aí no Continente, só se fala de São Miguel e da Terceira e do Distrito da Horta quase nada. Não me quero referir ao senhor Ernesto. Mas sim a um artigo que vi num jornal, em que dizia que na casa dos Açores aí em Lisboa, se tinha festejado muito as festas do Espírito Santo, não tinha faltado nem a sopa do Divino E. Santo nem o sarapatel e ainda diziam, o tradicional sarapatel. Ora, pode ser tradicional de S. Miguel, da Terceira, mas não do Distrito da Horta, (...) sobretudo da Ilha do Pico.

As festas do Divino Espírito Santo aqui no Pico — isto é sem vaidade alguma — são as melhores. Assim dizem as pessoas que as vêem pela primeira vez. São festas que toda a gente que cá vem, todos desfrutam das regalias da festa. Seja branco, preto ou amarelo, pobre, rico, português ou estrangeiro, todos nesse dia têm o mesmo direito.

Assim cantam os foliões: não há festa mais bonita
do que a do Divino E. Santo
É do pobre é do rico
É do negro é do branco

Adiante o senhor verá a confirmação.
Festa ou Império do Divino Espírito Santo...

A festa é o seguinte:

É nomeada uma comissão — que devia (*chamar-se*) direcção mas é costume é tratá-la pelo nome de comissão — composta de (*vários*) membros, (*cada um*) representando cada lugarejo da freguesia que a festa abrange. Ao todo (*são*) vinte homens.

Estes homens percorrem a freguesia — toda a área que a festa abrange - na segunda-feira de Páscoa — este ano dia 19 de Abril — para saber quem é que quer ser irmão da festa, ou seja, quem é que dar rosquilhas. Oito dias antes da festa o mordomo leva a coroa para casa (...), onde é cantado ou rezado o terço, onde se junta a família e amigos em casa do dito mordomo.

Na minha freguesia, e também em algumas outras, tratam por mordomo o irmão que leva a coroa para casa, oito dias antes. Este mordomo é que é o encarregado de dar o jantar aos foliões. (...) Outra referência: também é costume, em algumas freguesias, em vez de dizerem mordomo, dizerem imperador. (...) Há as duas formas. Por exemplo, dizem assim, “vamos à festa à Candelária”, ou “venho do Império da Candelária”.

É (*um*) costume das festas na Ilha do Pico os bolos, ou *tejolos*, ou rosquilhas. Os bolos — ou *tejolos*, que é o mesmo —, são compostos de farinha de trigo, água sem levedura. As rosquilhas são compostas de farinha de trigo, ovos e manteiga, e (...) levedura, que as tornam fofas e macias. As festas de bolos (*fazem-se*) no Concelho de São Roque e as rosquilhas no Concelho da Madalena e no Concelho das Lajes.

Na minha freguesia — Candelária — é o seguinte. Dia da festa, Domingo do D. Espírito Santo: de manhã parte da casa do dito mordomo (...) a procissão para a Igreja, e (...) depois segue-se missa cantada, pouco mais ou menos como naquela coroação que o senhor aqui viu, com a diferença que é em ponto grande. Sai da Igreja, volta a casa do Mordomo, jantam e voltam de novo, percorrendo a freguesia a juntar os açafates (...), juntando os irmãos da festa e assim se vai formando a procissão. Chegada ao Adro da Igreja principiam por dar um giro (...) e vão ao encontro do fim da procissão (...) e assim se forma uma roda, que dá duas voltas (...) ao toque da filarmónica. (...) Aí termina a procissão o depois o Padre benze as rosquilhas (*que*) ali ficam expostas ao público. Durante o resto da tarde a filarmónica toca no arraial e cada qual procura divertimento a seu gosto e os rapazes e as raparigas estreiam os seu fatos (*e*) os seus vestidos novos. Aí no Continente (...) estrear o fato novo e o vestido novo, segundo dizem, é pela Páscoa. Nós aqui, é pelo Espírito Santo.

A seguir (...) principiam a distribuir as rosquilhas, uma a cada pessoa que veio à festa ou que ali passou. Seja da terra ou de fora da terra, português ou estrangeiro, preto ou branco ou amarelo, pobre ou rico, todos eles é igual, todos eles têm o direito a uma rosquilha, sem excepção. E assim diz (...) a cantiga dos foliões: “É do pobre é do rico, É do negro é do branco.”

Outra referência...

A vara do D. Espírito Santo, que o irmão (...) tem na mão, uns dizem que representa a vara de São José. Outros dizem que é artigo de ornamento, (*de*) luxo.

Antigamente, o senhorio antigo era costume usar um bordão de pessegueiro (*que*) tinha incrustados dois pedaços de metal amarelo (...). E que os usava nos dias de festa. E como se trata de um artigo de luxo e que só o senhorio é que (...) usava, por isso o Divino Espírito Santo, no seu dia, oferece a cada irmão uma vara, para que até o irmão se sinta ufano, ao lado do senhorio, que o Divino Espírito Santo os considera a todos iguais principalmente no seu dia. Será verdade?

Cá só para nós, se é certo, está mais que provado que o Divino Espírito Santo tinha ideias democráticas, não lhe parece?

Assim terminam as festas.

As festas mais bonitas na Ilha do Pico (*são*): Domingo do D. E. Santo, na Candelária; na segunda-feira a seguir, lugar do Monte, freguesia da Candelária e Ribeiras de Santa Cruz, Concelho das Lajes; na terça-feira, Prainha São Caetano, Concelho da Madalena, e Ribeiras de Santa Cruz; (*no*) Domingo da Trindade, Vila da Madalena e Silveira, Concelho das Lajes.

Também em S. Jorge as festas do domingo da Trindade, são muito faladas. Mas como nunca lá estive, não lhe posso explicar as ditas festas. Mas (*o*) que lhe torno (*a*) afirmar (*é*) que as festas mais bonitas do D. Espírito Santo são as da Ilha do Pico, e a seguir as de S. Jorge. E assim o senhor vê que as nossas festas não têm nada (*a ver*) nem com a tradicional sopa do D. E. Santo nem o tradicional sarapatel. Aqui cada qual come o que quer, conforme pode.

Aquilo é costume é em São Miguel.

Por agora nada mais. Só lhe peço desculpa desta cegarrega que aqui lhe escrevo.

Mas como o senhor pretendia saber algumas coisas das ditas festas quando aqui estive é que me lembrei em lhe mandar umas fotografias, para o senhor Ernesto poder avaliar pouco mais ou menos. Mais uma vez peço desculpa de tudo e por tudo. Seu dedicado amigo

Francisco de Matos Bettencourt

Carta nº 2

Candelária, 18/3/965

Exm.º Senhor Ernesto

Desejo que ao receber esta carta, se encontre de boa saúde, (*e*) igualmente o senhor Benjamim.

Eu sempre bem, embora, o ouvido esteja sempre *chi i i i*, mas já me habituei a isto. Senhor Ernesto, cá recebi duas cartas suas, uma datada do dia 6, e uma outra datada do dia 10 de Fevereiro último.

Eu ia a deitar a resposta no correio da primeira, quando recebi a segunda carta sua, já não deitei a primeira e respondo às duas numa só.

Muito agradeço ao Senhor Ernesto o grande incómodo que teve para comigo em me satisfazer uma grande vontade que eu desde há muito trazia comigo. Perguntei a muito carpinteiro, e marceneiros, a alguns que tinham estudo aí no continente e (...) na

América, e todos eles diziam o mesmo: para mim, é desconhecida esta madeira. Mas eu insisti sempre, porque (...) tinha um pressentimento que me dizia que (..) um dia havia de (...) saber aquilo que tanto pretendia saber. Mas também quase posso garantir que no Distrito da Horta, talvez sou eu o único que sei (*que*) a madeira própria para a construção do violino se chama ácer.

Os dados que o senhor me dá sobre a construção do violino, e muito mais que eu desejava saber, serão as (...)orientações que a mim me servirão de guia no futuro.

Não sei como lhe agradecer. Só lhe posso garantir que me sinto deveras satisfeito.

Portanto, mais uma vez muito lhe agradeço a sua boa vontade, que para mim nunca mais será esquecida.

Com respeito às festas do D. Espírito Santo, sobre aquilo que o senhor pergunta nas suas cartas, com muito gosto lhe respondo. E não é incómodo como o senhor me diz, mas sim um prazer. Só me sinto deveras satisfeito em lhe responder sobre o assunto.

(...)

Quem é mordomo? É por promessa? É nomeado?

Assim me pergunta o Senhor Ernesto.

O mordomo pode ser qualquer irmão da festa. O mordomo é o irmão que levou a coroa para casa, 8 dias antes da festa (*e*) que, para ser mordomo, apresentou o seu pedido à comissão da referida festa (...) com antecedência, porque há sempre muitos que querem. É sempre por promessa, e não por nomeação.

O mordomo é aquele que no dia da festa dá de comer ao folião, que o senhor já conhece. É de casa do mordomo que partem as procissões no dia da festa. A de manhã para a igreja, que é igual à que o senhor viu quando aqui estive. (...). A segunda procissão, à tarde, (...) é a das rosquilhas, que vem ter ao império, ao lugar da festa.

2.^a pergunta: onde está a coroa durante o ano? Está no império, excepto os últimos 8 dias, que é os que está em casa do mordomo.

A coroa passa o ano na casa do Espírito Santo, ou Império, ou *cadafalso*, são três nomes muito usuais. Quem toma conta da coroa é a comissão, que tem (*o*) cuidado de então manter sempre uma candeia acesa, durante todo o dia e toda a noite. A candeia é alimentada sempre, sempre, de azeite de oliveira.

3.^a pergunta: terminadas as festas como é que levam (*a coroa*) de casa do mordomo para o lugar onde fica durante o ano?

A coroa veio para o império ou *cadafalso* na procissão da tarde, a das rosquilhas, e lá fica durante o ano, excepto o últimos 8 dias, como em cima já (...) referi.

Agora julgo eu que o senhor talvez queira também saber como é que levam a coroa para casa de mordomo, 8 dias antes. Esta parte é então um pouco esquisita.

Levam-na num açafate, coberta com uma toalha ou então nas mãos, (*mas*) também coberta.

Isto é tudo o que se passa agora, mas antigamente era muito diferente, e a causa dessa diferença ou dessa alteração são ou têm sido os Padres que desde há muito (...) vêm perseguindo estas festas tradicionais em seu proveito, modificando tudo a seu gosto.

Eu tenho para mim, segundo as coisas que os Padres estão a exigir sobre estas festas, que não leva 20 ou 30 anos para elas deixarem de existir. Às vezes ponho-me a pensar, o Estado gasta grandes somas em dinheiro para manter usos e costumes. E os Padres por sua vontade procuram a todo o transe modificar aquilo que vem de há

séculos. Desculpe o Senhor Ernesto (...) esta censura que eu aqui faço aos Padres. O senhor há-de julgar que eu não sou católico, mas sou. Sou e serei sempre, mas não deixo de dizer que os Padres vão ser os causadores de em pouco tempo terminarem as festas do D. E. Santo nos Açores. As festas do D. Espírito Santo na Terceira, segundo me contaram, já são todas de origem profana, quero dizer (*que*) já não vão à igreja, o povo não aceita a intervenção dos Padres nas referidas festas. E porquê? Porque os padres exigem que as festas do D. E. Santo lhes dêem 20 por cento sobre todos os lucros contando mesmo os lucros cativos. Agora o senhor diga-me uma coisa, ou melhor, veja se a gente não temos razão. O irmão dá o açafate de rosquilhas, que lhe custou uns 200\$00, dá-os à festa por esmola. A festa por sua vez dá as rosquilhas a todos por esmola, e o Padres querem que a festa dê os 20 por cento. Se assim fosse, todo o irmão tinha que dar 40\$00 (...) por ter prometido num dia de aflição dar um açafate de rosquilhas. Quando é que (...) constou (...) pagar um imposto por ter dado uma esmola? Temos ou não temos razão?

Nós aqui é rosquilhas, na Terceira é carne e pão. E os Padres querem que eles lhes dêem 20 por cento sobre o valor dos bois que ali se abatem para serviço das referidas festas. Com tudo isto vai o povo esmorecendo, perdendo o entusiasmo, porque assim não está dentro da sua crença, e como os Padres querem não podemos fazer a festa, porque ainda assim como vinha era com grande dificuldade.

(...) Aqui na Candelária, também o nosso Padre quer que a festa dê 4000\$00, que é os (...) lucros da festa do ano passado. Em caso contrário (...) vai pedir ao senhor Bispo da Terceira para também profanar a nossa festa. Alguns dizem — credo, Deus nos livre se tal coisa — que o senhor Padre faz, mas outros dizem, que haja o que houver (...) os 4000\$00 o Padre nunca os vê, que eu disse tenho a certeza.

Eu conheço o génio do Padre, mas também conheço o génio deste povo. O que vai resultar disto tudo, se o Padre mantiver a sua opinião, (*é que*) a festa deixa de ir à igreja, e assim é mais uma festa profana que irá (...) pouco a pouco perdendo o seu brilho até que se extingue. Com tudo isto posso garantir ao Senhor Ernesto. (...) Os Padres poderão acabar com as festas do D. E. Santo, mas o que nunca conseguirão é acabar com a crença do povo, (*disso*) tenho eu a certeza.

Eu vou-lhe dar uns dados sobre as referidas festas, da antiguidade, que me contou um velhote cá da freguesia, homem velho, 87 anos, sério, e que, antigamente, foi muitas vezes mordomo, e também foi Presidente (...) da festa. (..) Mordomo e (...) Presidente não é o mesmo.

Antigamente, assim me diz o velhote, a coroa passava o ano (...) em casa do mordomo, que para lá ia sempre em procissão, que de lá vinha no ano seguinte para o império. Quando terminava a festa formava-se uma procissão para casa do novo mordomo para o ano seguinte. E assim sucessivamente.

Os Padres proibiram de a coroa passar o ano em casa do mordomo, porque diziam eles que a casa do mordomo era um lugar profano, que a coroa o seu lugar era no império, como é hoje. Mas então em vez de ir em procissão para casa do mordomo, no dia da festa ao findar, vai então, coberta com uma toalha num açafate, ou nas mãos, 8 dias antes. Assim é mais bonito? O senhor não acha ... Sempre os Padres têm cada uma ...

Diz o velhote que, antigamente, (...) quando a coroa estava em casa do mordomo, todos os dias do ano se rezava em família o terço, excepto nos últimos 8 dias. Nesses

dias então (*os terços*) eram cantados e (...) juntava-se sempre muito povo, principalmente vizinhos, amigos e parentes. A casa ficava como um lugar público, não se negava a ninguém a entrada, ali se jogava jogos e bailes regionais, entretiam-se ali o serão, que era um entretenimento limpo (...). Mas, por tal, os Padres classificaram a casa do Mordomo em casa profana. Hoje, os últimos 8 dias que a coroa está em casa do mordomo, só se reza ou se canta o terço, e nada mais, mas ainda se junta muita gente.

Isto tudo só me refiro cá à minha freguesia, mas (...) nas outras poucas alterações há. Também antigamente, quem trazia a coroa e o estandarte, eram meninas noivas, dos seus 16, 17, 18, 20, mas quase sempre solteiras. A coroa traziam-na 3 meninas, o estandarte o mesmo. (*Essas meninas*) representavam a Rainha da festa e as suas duas aias. Nalgumas freguesias, a Rainha trazia mesmo a sua coroa na cabeça, mas na minha freguesia a menina que levava a coroa nunca usou coroa (*na cabeça*). Mas isto tudo acabou, porque os padres o proibiram. E assim, de pouco em pouco, vão fazendo o que querem, até que acabem com tudo. Esquecia-me de dizer que hoje quem leva a coroa na procissão são homens. Os Padres aqui desprezam as mulheres nas procissões como os indianos desprezam as mulheres na Índia.

Por agora nada mais lhe posso informar a não ser que o senhor me pergunte mais, que para isso estarei sempre ao seu dispor e com muito gosto.

Também me esquecia de lhe dizer que as Rainhas não é por promessa nem nomeadas mas sim convidadas pelo mordomo. (*Eram*) quase sempre (*suas*) filhas. Se as não tinha, então convidava pessoas das suas amizades.

Peço desculpa da grande demora em responder ao Senhor Ernesto. Mas a razão é esta. O velhote que me deu as informações antigas tem estado no Faial, passando lá uns dias em casa de amigos, e eu por querer dar uma coisa mais concreta, em resposta à sua carta (...) esperei por ele. Por tal, julgo que o senhor me desculpará.

Senhor Ernesto... Desejo, que o senhor me desculpe por esta cegarrega que aqui vai, mas o senhor já sabe que eu não sei escrever certo. Eu só tive o grande prazer de frequentar a escola um ano, não fui mais, porque já não tinha idade escolar, o que eu sei bem é mondar e cavar.

Por agora nada mais, só muitas recomendações ao senhor Benjamim e peço que aceite os meus agradecimentos por todas as suas informações sobre a construção do violino. Vou mandar copiar a sua carta em papel grosso, para nunca mais se apagar.

E também lhe envio um grande abraço de este seu dedicado amigo, que cá fica sempre pronto para o servir da melhor vontade, em tudo que estiver ao meu alcance.

Francisco de Matos Bettencourt

Carta n° 3

Candelária, 28 de Março de 1966

Senhor Ernesto Veiga de Oliveira

Escrevo-lhe esta carta em resposta à sua com a data 22 (*de*) Janeiro último, onde tive o conhecimento — que me causa grande pesar — em saber que tem estado doente,

e que ainda não (*se*) encontrava completamente restabelecido. Deus há-de permitir que ao receber (...) esta (...) se encontre já gozando uma óptima saúde. Se assim for será para mim grande prazer.

Quanto ao meu ouvido está no mesmo ou, para melhor dizer, sempre a piorar, sempre a chiar dia e noite. Do ouvido direito já pouco oiço (...) e percebo que o esquerdo também já tem a mesma doença, quero dizer, está com os mesmos sintomas que principiei a observar no (*direito*). Pensei em ir aí a Lisboa para me operar como o especialista aconselhava. Embora eu não pudesse ir à minha custa, (...) tinha facilidade de lá ir por intermédio da Assistência. Não é por não ter fundos que lá não vou. Não tenho, mas a Assistência tem, como já disse. Arrefeci, como nós aqui dizemos, foi porque fui-me aconselhar com um bom médico que nós aqui temos, que se pode dizer que tanto em médico como em homem foi um achado que a Ilha do Pico encontrou. Foi ele que me mandou falar “ou consultar” o especialista. Por isso, quis primeiro saber a opinião dele. A resposta dele foi esta: olha no teu lugar não ia, essas operações fazem-se hoje, mas são umas operações assim assim, e franziu o nariz, que um cunhado seu tinha ido (...) também fazer uma operação igual, e que tinha voltado sem a fazer, mas que eu fizesse como entendesse. Eu sei que ele me falou com toda a sinceridade, disso estou bem convencido porque já nos conhecemos de há muito. (...) O senhor já vê que não é bom nunca desprezar um conselho de uma pessoa bastante competente e, mais ainda, amiga. Mas assim procedendo, tenho quase a certeza que (*passarei*) o resto da minha vida surdo, (*o*) que na verdade será muito triste. Mas seria muito mais triste para mim, se fosse aí a Lisboa a operar, e me sucedesse mal e, nos últimos momentos de lucidez, olhasse em volta não visse ninguém da minha família, os meus filhos. Prefiro morrer surdo, mas olhar sempre para eles, e tenho a certeza que o senhor Ernesto também concorda comigo, não é verdade?

Também diz na sua carta que já recebeu o violino, e que julga em bom estado, (*o*) que me dá esperanças de poder ser admitido no lugar a que tinha se destinado. Se assim for, quem fica agradecido sou eu e não, como o senhor na sua carta me agradece, o senhor Ernesto e o senhor Benjamim. (*O senhor Ernesto e o senhor Benjamim*) andaram aqui (*e*) ali por todo o País à procura de objectos para construir (*e*) criar um Museu para Portugal. Para quem é esse Museu? Não é para mim também? Embora eu (*seja*) açoriano, só o que nos separa é o mar. Os meus, ou melhor, os nossos ideais açorianos são iguais (*aos ideais de*) todos os bons Portugueses que se orgulham de o ser.

Portanto, torno a dizer, agradecido fico eu, porque faz mais quem constrói a obra do que aquele que dá uma simples peça para essa grande obra que nos havemos orgulhar todos de possuir. E mais lhe digo: agradeço-lhe em nome da Ilha do Pico, se o senhor conseguir (...) que esse violino entre nesse Museu. Não por (*o*) julgar uma obra-prima, não senhor. Eu bem sei que ele é de pouco valor material. Porque bem se vê que posto ao pé de (...) instrumentos como (*os que*) aqui aparecem, que daí vêm, feitos por profissionais, o meu não passa de uma simples cartola. Mas (...) esse objecto (...) encerra uma grande vontade, de uma pessoa que tem muito prazer em ajudar todos aqueles que se esforçam por fazer de tudo isto um Portugal novo. Senhor Ernesto, não é preciso nomear o meu nome como construtor do violino, porque o meu nome pouco ou nada vale. *Ao tanto* gostava, se pudesse ser que o violino entrasse para o Museu, (*que*) fosse em nome da Ilha do Pico. Se assim for será para mim grande satisfação.

Aqui também lhe mando as referidas fotografias já faladas sobre a faina da baleia aqui no Pico.

O senhor diz na sua carta que a faina da baleia é desconhecida aí no continente. O senhor Ernesto desculpe, mas eu não concordo consigo nesse sentido. Eu aqui sei que os senhores têm aí um Jardim *geológico*, que na parte aquática há uma baleia, portanto eu tenho razão não lhe parece? Nós aqui temos visto muita baleia, (...) mas os senhores aí conhecem melhor a baleia com todos os seu detalhes de vida, do que nós aqui.

Eu mando-lhe estas fotografias, não por julgar coisa desconhecida aí, o meu intento é outro, que lhe conto.

Eu já vi alguns filmes e *comentários* portugueses com passagens sobre os Açores onde entra a pesca à baleia. Parece que o operador que filmou tais passagens (...) tinha muita pressa e muita má vontade de mostrar a realidade.

Trancam a baleia já morta e reviram o bote que pesca a baleia com o mar tão manso como a água numa bacia. Fazem aquilo tão rápido — desde a preparação da pesca até ao esquarteramento, à extracção do óleo —, que nós aqui, acostumados com tais coisas, quase nos passa despercebido.

Certas ocasiões de tais pescas, se pudessem ser filmadas, se pudessem se reproduzir sempre assim, seria tão entusiasmante para ver como um boa partida de futebol entre as equipas de primeira categoria.

Num certo dia do mês de Agosto do ano findo, eu e muita gente pudemos presenciar uma dessas passagens interessantes, que embora não seja vulgar (...) se dá muitas vezes assim. Foi mesmo em frente à minha freguesia, a umas duas milhas de distância: a captura de uma baleia nem grande nem pequena, que se podia mover bem, por umas vinte ou mais embarcações de três ou quatro companhas rivais. Ora uns pretendem caçá-la, outros, por não lhes ser possível (...), (*começam a*) fazer barulho, tirando o escape aos motores, para que o adversário não seja o vitorioso — um truque dos pescadores com mais prática para enganar os mais ingénuos — e a baleia fica espantada, já não submerge o tempo normal como no começo da perseguição (*e*) só (...) é capturada ao fim de umas duas horas e meia ou três horas, isto sem haver descanso de parte a parte, extenuados, tanto o animal como os pescadores. Tudo isto visto com muito bom tempo, mar muito manso. Se houvesse oportunidade de filmar uma passagem assim então é que devia ser bonito. É certo que isto assim perto de terra, não pode ser sempre. Mas (...) embora no mar alto, se quiserem, podem reproduzir isto pouco mais ou menos, e então é que seria bonito de ver no filme ou na televisão. É muito parecido com uma tourada de praça, *ao tanto* que o touro é que ataca ao passo que a baleia foge e poucas vezes se defende. Bastava o operador esperar com paciência pelas boas ocasiões.

Alguns detalhes que mando junto (*com*) as fotografias é só para o senhor Ernesto explicar aos outros que as virem que não estejam bem a par de tais costumes. Há baleias muito maiores do que esta. Baleias de 80, 100, 120, 200, 240 barris. De 100 barris para cima já rara vez aparece, o mais vulgar é este tipo assim. O óleo é de toda a companhia, marítimos e donos. Os dentes, que (*são de*) marfim, e o nervo (*são*) só da tripulação do bote que apanha a baleia. (*Com*) os dentes fazem aqui obras interessantes que o senhor já deve conhecer. O nervo é posto ao sol a secar, ou ao fumo, para ser usado em amarrações sólidas. Já vi usá-lo em embarcações, em moinhos, (*para*) prender a canga dos bois ao carro, o badalo dos sinos das igrejas, etc.

Eu não pretendo que o Senhor Ernesto ande aí a mostrar estas fotografias, não senhor. Eu quero é que quando o senhor as mostrar a alguém que vá a sua casa, só lhe diga isto: isto é da ilha do Pico. E nada mais lhe peço, e por isso ficar-lhe-ei muito agradecido. E sabe o senhor porquê? É que a Ilha do Pico é terra do à-vontade, é terra de ninguém (...). Tanto os de cá como os de fora pouco ou nada dizem desta ilha, excepto o Senhor Ernesto e o Senhor Benjamim. Os senhores vieram aos Açores sobre os assuntos dos moinhos de vento, e eu vejo no seu livro que tanto se fala nos de São Miguel, como (*nos*) de São Jorge, Graciosa, Faial, Pico, ou Terceira. Os senhores descreveram tanto uns como outros, escreveram aquilo que é mesmo. Portanto nós na Ilha do Pico queríamos que os senhores viessem cá mais vezes e escrevessem coisas assim. Nós temos muitas coisas para serem mencionadas, serem vistas e escritas, mas por pessoas (*que façam*) como os senhores fizeram com o moinhos de ventos dos Açores.

E sabe o Senhor Ernesto porquê? É que a Ilha do Pico, é muito pouco conhecida e muito menos escrita.

Se eu fosse pessoa que tivesse dinheiro, que tivesse um boa casa para poder receber visitas de uma certa categoria, já o Senhor Ernesto mais o Senhor Benjamim podiam contar com o convite, para cá virem passar uma temporada 3 ou 4 meses, para escreverem o nosso costume e as nossas formas de viver, recolher o nosso folclore que se está a perder, e — sendo o mais bonito dos Açores — as nossas festas, principalmente a do Divino Espírito Santo, as festas entre família das matanças dos porcos, verem as nossas pequenas lagoas que temos no interior da Ilha, as belas vistas que se vêem dos miradouros da Ilha. Tudo isto escrito, fotografado, filmado para depois mostrar aí no Continente, para que todas os continentais conheçam bem a Ilha do Pico. Porque eu lhe conto.

Quando (...) o Rancho Folclórico da Casa do Povo da Candelária (*foi*) a umas festas ao Norte do país, foram também a Figueira da Foz bailar, e claro, como o senhor sabe, todo o açoriano é curioso, porque nunca viu nada, andaram por ali, e por acolá, chegaram a uma praça que havia uns bancos (*para*) descansar e desse lugar se desfrutava uma bela vista, o mar e não sei que mais. Quando se chega para eles, pouco mais ou menos uma dúzia de rapazes dos seus 15, 16, 17, 18, 19, 20 anos, mas com um certo receio. E um de entre eles mais afoito dirige-se aos nossos da seguinte forma: bom dia. Os nossos todos levantam-se e dizem bom dia. Nova pergunta: então vêm bailar? Sim senhor, respondem os nossos. Tornam a perguntar: na sua terra todos falam como os senhores? Sim, respondem os nossos. São toda da mesma cor como os senhores? Sim, dizem os nossos. O vosso vestuário é sempre igual a esse? Quando trabalhamos, mas também temos dentro das nossas malas fatos, camisa, chapéus, sapatos como os dos senhores, que o usamos aos domingos, dias de festas, ou viagens. Exclamação dos continentais: pobre gente. E nova pergunta: (...) e qual é a vossa alimentação? Resposta nossa: é peixe, carne melhor e mais barata que os senhor aqui — (...) compra-se a porção que se quer a 1800 ao quilo —, leite puro das vacas com um gosto muito diferente do que temos bebido, temos conservas como as que aqui se vendem, legumes de toda a espécie, vinho e fruta mesmo da nossa ilha, e parte da carne que se vende aqui em Lisboa vem dos Açores. Os rapazes continentais olham-se, dão aos ombros, dão bom dia e vão-se embora. Mas disse-me o meu amigo que me contou isto, que eles se foram com cara de quem não acreditou.

Ora isto não está certo, na época que vamos atravessando, que haja alguém ainda que desconheça o que é os Açores (...), que desconheçam se é gente branca ou preta, se vestimos mal, se temos fome ou temos abundância disto ou daquilo. Para estrangeiros ainda vá lá... mas para Portugueses, custa a acreditar; mas desgraçadamente é verdade ...

Isto não é censura que faço a alguém. Deus me livre. Isto é um desafogo de amigo para amigo de uma pena que pressinto cá dentro.

Vejo que é da Ilha do Pico que menos se fala na rádio, nos livros — excepto o seu livro —, nos jornais. Até na propaganda turística sobre os Açores é (*a*) que menos aparece. (...) Se o senhor Ernesto for a bordo do vapor *Carvalho Araújo* e reparar, (*nas*) fotografias turísticas sobre os Açores e Madeira (...) a Ilha do Pico é (*a*) que menos se vê, ao passo (*que*) é a que de mais longe se avista, por ser a mais alta. Somos a segunda em tamanho (*e*) a terceira em população, a primeira em conservas de peixe. Temos a primeira frota atuneira dos Açores, uma das melhores do nosso país no género, assim dizem os jornais. Somos o principal centro da pesca à baleia, temos a melhor fruta dos Açores, e os melhores vinhos, temos os melhores calafates do Arquipélago. A criação de gado *vacum* está-se a desenvolver de tal forma que não leva muitos anos seremos também a maior nesse sentido. Já hoje está em segundo ou terceiro lugar, mas afirmo-lhe que neste campo podemos ir muito mais além: 5, 6, 7 vezes mais por cada ano, se desbrava nos campos, se usam melhores forragens, e mais bem adubadas.

É por isto que tenho pena de não ser pessoa rica para convidar o senhor, mais o Senhor Benjamim. Pagava-lhe todas as despesas: transportes, comida, alojamento, papel, tinta, material fotográfico, de gravação e filmar para depois mostrar aí e ao mundo o que é a Ilha do Pico, acabar com as ignorâncias. Mas paciência, sou pobre, nem casa minha tenho, vivo com os meus pais, por tanto não posso satisfazer a minha ambição, não posso fazer mais pela minha Ilha do que lhe mandar estas fotografias e esse violino de pouco valor material. Ai se eu pudesse, havíamos de ver qual das ilhas dos Açores tinha mais que ver.

Eu, o meu nome, pouco ou nada vale, não é preciso eu ser nomeado, mas o nome da Ilha do Pico sim, ficar-lhe-ei eternamente agradecido.

Também junto a estas fotografias vai uma dos moinhos de vento que é para se o senhor quiser rectificar o nome ou a fotografia que não está certa. Este é que é o verdadeiro moinho do Monte, fig. 44. O que está no seu livro pertence à freguesia da Criação Velha e não ao Monte.

Peço-lhe mil desculpas por esta cegarrega, que muito lhe deve custar a ler, mas como sabe, eu não sei (*escrever*) e, como já lhe disse, é um desafogo de amigo para amigo, não o quero maçar mais.

Desejo saber, mas há-de ser quando o senhor puder, se estas 11 fotografias chegaram todas aí, e (*também*) estas 10 páginas, e sobretudo desejo saber se o seu estado de saúde (...) já é bom. Deus permita que o seja.

Recomendações ao Senhor Benjamim e receba um abraço deste amigo, que cá fica pensando em si e nunca mais o esquecerá.

Francisco de Matos Bettencourt